

Apresentação

Antonio Gramsci em tempos de *fake news*

Ruy Braga*

<https://orcid.org/0000-0002-8512-4306>

Alvaro Bianchi**

<https://orcid.org/0000-0001-5201-5923>

Em fevereiro de 1976, Carlos Nelson Coutinho publicou um artigo no *Jornal do Brasil* intitulado “Um certo senhor Gramsci”, uma pequena apresentação do sardo para o grande público. Uma reapresentação, na verdade, uma vez que alguns de seus livros – *A concepção materialista da história, Maquiavel, a política e o Estado moderno e Literatura e vida nacional* – haviam sido publicados na década anterior. O contexto desse artigo jornalístico é esclarecedor. A vitória da oposição nas eleições de 1974 e a política de distensão implementada pelo presidente Ernesto Geisel eram sinais fortes de que a ditadura estava com seus dias contados. Nesse contexto de crise, o léxico gramsciano parecia fornecer um vocabulário comum para pensar a redemocratização: Sociedade política e sociedade civil, coerção e consenso, intelectuais tradicionais e intelectuais orgânicos, tornaram-se expressões comuns no debate político.

Não é de se surpreender, pois, que em uma conjuntura política que se desenvolve em um sentido oposto àquela da última metade dos anos 1970 e na qual a desdemocratização parece ser a tendência predominante, as ideias de Gramsci voltem ao debate público nacional. Não é só a conjuntura que parece estar de pernas para o ar. O próprio Gramsci encontra-se de ponta-cabeça. Escolhido, juntamente com Paulo Freire, como bode expiatório pelos intelectuais conservadores, o sardo é agora

* Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

** Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

considerado o pai do “marxismo cultural”, um movimento político e ideológico cujo objetivo seria destruir as instituições e os valores do Ocidente cristão em nome de uma utopia igualitária e multicultural, o “globalismo”. Se antes Gramsci era lido como um autor radicalmente democrático, agora ele é acusado de representar uma ameaça à própria democracia.

Curiosamente, nesse conturbado presente brasileiro, coube aos conservadores a tarefa de relembrar, ainda que às avessas, a importância das ideias que o pensamento hegemônico da esquerda brasileira há muito havia esquecido. Afinal, se a obra de Antonio Gramsci, em especial, seus escritos carcerários foram, de fato, influentes no debate público durante o processo de democratização, a partir dos anos 1990 as referências a suas ideias tornaram-se cada vez mais escassas nos debates partidários, até praticamente desaparecerem.

Se tomarmos a sério a afirmação do filósofo Daniel Bensaïd para quem “a avaliação histórica do papel da teoria da luta de classes flutua ao sabor da própria luta” é possível concluir que durante os anos de pacificação social, a teoria de Gramsci manteve-se afastada dos espaços de poder em que circulam as autoridades, recuperando sua visibilidade no momento de crise e de intensificação das lutas sociais pelo qual passa a sociedade brasileira. Assim, é compreensível que versões grotescas de Gramsci circulem na arena da luta política, bem como versões antagonistas. De fato, os escritos do sardo são uma inesgotável fonte de inspiração para refletirmos e transformarmos a sociedade contemporânea numa direção emancipada.

Se no âmbito das disputas políticas, assistimos à redenção de Gramsci pelas mãos da extrema-direita, a verdade é que no campo científico, o marxista sardo nunca deixou de exercer forte fascínio em especialistas das mais diferentes áreas, como a sociologia, a história, as relações internacionais, a ciência política e a filosofia. A bibliografia sobre os inúmeros aspectos da obra polissêmica de Gramsci é caudalosa e não cessa de ganhar novas referências. Em termos gerais, após uma primeira onda de estudos inspirados em seu pensamento cujo sentido consistia em interpretar diferentes realidades nacionais à luz de seus escritos carcerários, algo natural se considerarmos que os *Quaderni del carcere* são um amplo projeto de pesquisa em história comparada, onda que não se esgotou, naturalmente, uma segunda onda assumiu o próprio texto de Gramsci como objeto investigativo.

Como projeto de história comparada, os *Quaderni* continham uma tensão entre as escalas regional, nacional e internacional, algo que deixou marcas profundas no pensamento de Gramsci. É compreensível que o momento “nacional” dos estudos gramscianos alcançasse na Itália um patamar de verdadeira excelência. Contraditoriamente, essa qualidade pode ser limitadora se ampliarmos, comparativamente falando, a escala de nossos interesses. Quando Guido Liguori publicou *Gramsci conteso*, livro

no qual sumariza os estudos italianos engajados com o pensamento do sardo, sua conclusão antecipava o surgimento de um novo ciclo¹. Emancipado das limitações impostas pelo “caso italiano”, as pesquisas poderiam se orientar em outras direções com base em um conhecimento mais profundo a respeito da dinâmica interna ao texto gramsciano². E, de fato, estamos falando de um conjunto de novos estudos muito sofisticados em termos filológicos e históricos que após a publicação da edição crítica dos *Quaderni* em 1975, souberam revelar algo incrivelmente produtivo para a análise crítica das sociedades modernas: a forma como o pensamento de Gramsci evoluiu durante o período em que esteve preso³.

Como sabemos, na prisão, Gramsci registrava seus estudos em cadernos escolares que mais tarde eram revisados e reescritos em cadernos ditos “especiais”, nos quais ele sintetizava textos e argumentos, reorganizando seus conceitos e desenvolvendo suas noções. Por se tratar de uma obra inacabada e fragmentária, decifrar a sequência cronológica das notas é tarefa decisiva para compreendermos a dinâmica de seu pensamento. E apoiados na filologia histórica, os novos estudos souberam incorporar inovações temáticas, ao mesmo tempo que fizeram enormes progressos em termos de tratamento das fontes documentais da elaboração teórica. Esse novo ciclo culminou na nova *Edizione nazionale degli scritti di Antonio Gramsci*, publicada pelo Istituto della Enciclopedia Italiana.

Assim, podemos superar por meio do reconhecimento do caráter inacabado de sua obra a perspectiva um tanto dogmática segundo a qual Gramsci teria deixado um pensamento sistemático. Ou seja, os estudos focados na dinâmica de seu pensamento convidam as novas gerações de pesquisadores a revisitarem Gramsci como uma fonte de inspiração para novas agendas de pesquisa. Esse convite fortaleceu algumas tendências verificáveis a partir dos anos 1970 de internacionalização das interpretações nacionais inspiradas nos *Quaderni*. Assim, em países como Brasil, Argentina, Chile e México, as análises historiográficas, sociológicas e políticas de Gramsci foram estimuladas e estudos inovadores a respeito da formação social desses países, produzidos⁴. Ao mesmo tempo, nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Índia, Gramsci tornou-se uma referência central para os chamados estudos

1. Ver Liguori (1996).

2. Assim, ficamos sabendo, por exemplo, que o conceito de “subalternidade”, do *Caderno 3* ao *Caderno 25*, atravessou sucessivas “ampliações”, com base nas quais é possível identificar tanto uma forma original de abordagem histórica centrada na relação hegemônica das classes dirigentes diante do caráter inorgânico da ação dos subalternos, quanto uma crítica política dessa mesma ação, pois as classes subalternas são subalternas também porque não sabem como podem “se tornar Estado”, isto é, dirigentes e hegemônicas.

3. Na Itália, Francioni (1984), Frosini (2003), Cospito (2011) e Vacca (2016, 2012) são os representantes principais dessa agenda renovada de trabalho sobre o pensamento de Gramsci.

4. Na América Latina, é notório que Modonesi (2013) e Cortés (2015) têm se destacado nessa perspectiva.

culturais que redefiniram o campo de investigações da história dos grupos sociais subalternos⁵.

Mesmo diante da enorme variedade temática, é possível dizer que essa onda contemporânea de estudos compartilha três características fortemente conectadas aos progressos mais recentes alcançados pelos pesquisadores italianos: a combinação entre o rigor conceitual, a atenção em relação às fontes documentais e o intenso diálogo internacional que passou a caracterizar a comunidade de estudiosos do pensamento do sardo. Trata-se de um conjunto de características que, tendo em vista a história da primeira edição temática dos escritos carcerários somada aos usos interessados do pensamento de Gramsci nas disputas internas de partidos comunistas, sobretudo, europeus, simplesmente não se combinaram nas décadas anteriores aos anos 1990. Quando se verificava a presença do rigor conceitual nas análises, o diálogo internacional inexistia. Quando se atentava para as fontes, não se dava atenção especial à problematização dos conceitos.

O Dossiê da revista *Tempo Social* dedicado à nova agenda dos estudos gramscianos que o leitor tem em mãos pretende apresentar ao público brasileiro uma pequena, porém, representativa, amostra de como o pensamento do marxista sardo vem sendo trabalhado por especialistas engajados na atual reconstrução das interpretações dos *Quaderni* realizada à luz da filologia histórica. Nos artigos que compõem esse dossiê, é possível verificar em detalhes tanto as inovações temáticas quanto o rigor teórico e documental, além da forte internacionalização das referências, que marcam o ciclo atual de estudos gramscianos.

Assim, Alvaro Bianchi nos revela como Gramsci pensou a crise da democracia liberal de sua época como uma *crise de hegemonia* com base em uma importante fonte do pensamento de Gramsci, ou seja, a obra de Gaetano Mosca. Em seguida, Daniela Mussi nos brinda com um inovador artigo explorando o papel político da *questão feminina* nos escritos de Gramsci. Para tanto, a autora destaca a importância dos escritos carcerários no desenvolvimento teórico da questão feminina como uma das fontes da elaboração gramsciana a respeito do problema da *subalternidade* e da história dos subalternos. Por sua vez, Francesca Antonini sublinha a centralidade das comparações realizadas por Gramsci entre a França, compreendida como paradigma do desenvolvimento da modernidade capitalista, e as trajetórias nacionais peculiares da Alemanha e da Itália. Ao mesmo tempo, pondera como um olhar mais detido sobre as particularidades da história francesa pode nos ajudar a problematizar a relação construída por Gramsci entre *sociedade, política e cultura*, tanto na França quanto em outros países.

5. Ver, entre outros, Thomas (2011) e Green (2013).

Nos *Quaderni*, a centralidade do caso francês mantém-se em destaque no artigo de Sabrina Areco focado na análise da figura histórica e da obra de Honoré de Balzac por Gramsci. Valendo-se do *Quaderno 3*, a autora articulou algumas questões-chave para o desenvolvimento do pensamento de Gramsci, isto é, a relação entre *intelectuais*, *hegemonia* e *literatura nacional*. Como não poderia deixar de ser, a teoria da hegemonia recebe um tratamento inovador no artigo de Raul Burgos com a discussão das premissas filosóficas e epistemológicas do conceito de *objetividade* em Gramsci. Finalmente, o desafio histórico, político e teórico que, em larga medida, estimulou Gramsci a escrever os *Quaderni*, isto é, a vitória do *fascismo* na Itália, é analisado por Leandro Galastri em seu artigo dedicado à resistência armada popular à ascensão do partido de Benito Mussolini durante o *Biennio Nero* italiano (1921-1922).

Ameaça do fascismo, crise de hegemonia, questão feminina, cultura, intelectuais, subalternidade, objetividade... Temas centrais do pensamento de Antonio Gramsci revisitados à luz de uma nova agenda de estudos que busca articular uma intensa problematização conceitual, a ênfase no tratamento das fontes e a preocupação com o diálogo internacional entre pares. Cuidados que os detratores brasileiros do genial sardo ignoram completamente, declamando a mesma ladainha empoeirada e enganosa da manipulação da opinião pública por uma suposta “hegemonia comunista” dos meios de comunicação de massa. Uma teoria conspiratória tão vulgar quanto o vocabulário empregado pelo dublê de astrólogo e filósofo, Olavo de Carvalho, para maldizer seus desafetos políticos. Este dossiê aposta na seriedade da produção intelectual inspirada na reconstrução contemporânea dos estudos sobre Antonio Gramsci como o melhor antídoto contra a disseminação de *fake news* sobre o marxismo cultural.

Referências Bibliográficas

- CORTÉS, M. (2015), *Un nuevo marxismo para América Latina: José Aricó: traductor, editor, intelectual*. Cidade do México/Buenos Aires, Siglo Veintiuno.
- COSPITO, Giuseppe. (2011), *Il ritmo del pensiero: per una lettura diacronica dei “Quaderni del cárcere” di Gramsci*. Roma, Bibliopolis.
- FRANCIONI, Gianni. (1984), *L'officina gramsciana: ipotesi sulla struttura dei “Quaderni del carcere”*. Roma, Bibliopolis.
- FROSINI, Fabio. (2003), *Gramsci e la filosofia: Saggio sui “Quaderni del cárcere”*. Roma, Carocci.
- GREEN, Marcus (org.). (2013), *Rethinking Gramsci*. Nova York, Routledge.
- LIGUORI, Guido. (1996), *Gramsci conteso: storia di un dibattito: 1922-1996*. Roma, Riuniti.
- MODONESI, Massimo. (2013), *Subalternity, antagonism, autonomy: constructing the political subject*. Nova York, Pluto Press.

- THOMAS, Peter. (2011), *The gramscian moment: philosophy, hegemony and marxism*. Chicago, Haymarket.
- VACCA, Giuseppe. (2016), *Modernidades alternativas: o século XX de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro, Contraponto.
- VACCA, Giuseppe. (2012), *Vida e pensamento de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro, Contraponto.

Texto recebido em 6/5/2019 e aprovado em 7/5/2019.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2019.157784

RUY BRAGA é chefe do Departamento de Sociologia da USP e autor, entre outros livros, de *A rebeldia do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global* (São Paulo, Boitempo, 2017). E-mail: ruy.braga@usp.br.

ALVARO BIANCHI é diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp e autor de, entre outros livros, *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política* (Porto Alegre, Zouk, 2018). E-mail: abianchi@unicamp.br.

